

A Revolução Cubana

No cassino do Hotel Nacional, uma loira norte-americana de olhar vazio joga roleta. Inclinado sobre seu ombro num gesto protetor, e com um charuto no bolso da *guayabera* branca (camisa de algodão branco finamente bordada que os cubanos usam nos dias de passeio), um homem segue de perto o desenrolar do jogo. Cassinos, prostituição, loterias, jogos de azar: nesses anos 1950, Havana é um gueto dourado para milionários, o bordel dos Estados Unidos. Nesse reino de corrupção, quem manda é a máfia; o neologismo importado da Sicília, que significa tanto miséria como capanga, ou mesmo miséria explorada por capangas, resume bem o que é o poder do chefe do lugar, Meyer Lansky.

Meio bêbados, com a boina de viés, os *marines* assobiam para as prostitutas cubanas que passam pelo Malecon, avenida à beira-mar da capital. Nos momentos livres, urinam na estátua de José Martí, herói nacional das guerras de independência. No Jóquei Clube, no Havana Biltmore Yacht, os *yankees* sentem-se em casa.

Continental Hotel, Hilton Hotel, Riviera Hotel: o falso brilho importado dos néons é emblemático. Na calçada, um homem espera. Nas ruas estreitas da velha Havana, Chevrolets, Studebakers e Cadillacs estacionam sob os letreiros sugestivos do Savoy Bar Club ou do Jicky Bar. Aqui, tudo é *made in USA*. Exceto a miséria. A dois passos dos luxuosos buildings ultramodernos estendem-se as favelas: os *bohios*, uma espécie de barraco coberto de folhas de palmeiras. Crianças de barriga inchada brincam no meio de montes de lixo. Paira um odor de decomposição. A querida cidade das mil colunas do escritor Alejo Carpentier parece ter perdido sua identidade.

O general Fulgencio Batista, presidente da República, reina nos cassinos e nos prostíbulos por intermédio da máfia. Ele tomou o poder, em março de 1952, com um golpe de Estado, e tinha a alta proteção de Washington, apesar do caráter ditatorial de seu regime.

No país, porém, a revolta estrondava. Um ano depois do golpe, os jovens se rebelam. Em 26 de julho de 1953, atacam ao amanhecer o quartel de La Moncada, na região oriental da ilha, para protestar contra a ditadura. O assalto fracassa. Surpresos, os militares revidam, a repressão é terrível. Dos 120 jovens que participaram do ataque, 71 são mortos. Jazem no chão sob a umidade tropical. O cheiro de sangue seco invade o quartel. Em seus uniformes cor de milho, fuzil a tiracolo, os guardas satisfeitos contemplam do alto suas vítimas. Homens jovens. Um deles, de rosto rosado e olhos arregalados, tem o abdômen crivado de balas. Os cadáveres torturados são expostos na relva do cemitério, estendidos junto dos caixões.

Para o PSP (Partido Socialista Popular, nome do partido comunista cubano da época), os combatentes são "aventureiros pequeno-burgueses". O ataque ao quartel de Santiago é uma derrota militar, mas se revelará uma vitória política. Um homem encarna a partir de então a resistência à ditadura. Oriundo do partido ortodoxo, chama-se Fidel Castro. Levado à justiça, chega algemado no dia do julgamento. Ele aceita o desafio; de acusado, torna-se acusador. Condenado a quinze anos de prisão, proclama: "A história me absolverá!"

A história se bifurca. Do ataque frustrado contra o quartel de La Moncade nasce uma nova organização política: o Movimento 26 de Julho. Anistia do, Fidel Castro parte para o México a

fim de praticar a guerrilha sob o comando de um velho oficial da Guerra Espanhola. Entre seus companheiros, há um jovem médico argentino que conheceu no México, Ernesto Guevara, e que vinha da Guatemala, onde assistiu à derrubada do governo democrático de [Jacob] Arbenz por mercenários armados pela CIA. Guevara se junta à luta armada contra a ditadura de Batista.

Em 24 de novembro de 1956, 82 homens partem do México a bordo do barco Granma rumo à costa oriental da ilha. Os militantes do Movimento 26 de Julho e seu jovem e prestigiado líder, Frank País, esperam. Eles não salvá-los. Vítima de sérios reveses militares de início, a guerrilha rapidamente se beneficia do reforço de jovens vindos de Santiago de Cuba e, em seguida, dos *guajiros* [camponeses] da região. Instalados em Sierra Maestra, recebem treinamento militar, comandados por Fidel Castro. A foto o mostra com um charuto aceso ensinando um *guajiro*, de braçadeira vermelha e negra do Movimento 26 de Julho, a usar o fuzil. As vitórias militares reforçam o prestígio do exército rebelde, a revolta se espalha pelo país, a luta contra a opressão ganha pouco a pouco toda a sociedade. Em dezembro de 1958, os chefes do exército de Batista revelam que 90% da população de Santiago apoia a guerrilha. De fato, Fidel Castro tinha o apoio constante da resistência urbana (*el llano*) organizada por Frank País, que o abastecia de armas, munições, víveres e medicamentos e contribuía para torná-lo conhecido da grande imprensa internacional, em particular da norte-americana. Contudo, Batista ainda foi recebido em Washington, em 1958, como um hóspede distinto. De pé numa limusine cintilante, teve a proteção de medidas de segurança excepcionais. Uma ala de policiais escoltou o casal presidencial, pois temia-se um atentado.

Em Sierra Maestra, os rebeldes progridem e se fortalecem; as manifestações populares se multiplicam. Ocorreram sublevações espontâneas na província de Camaguey. No outono de 1958, a guerrilha organiza-se em colunas para preparar a marcha rumo a Havana. A mais importante delas é dirigida pelo médico argentino Ernesto Guevara, que havia acabado de ser promovido a comandante; os guerrilheiros o apelidaram de Che, e ele conservará esse nome, interjeição argentina que selará sua identidade. É visto marchando a pé entre os *barbudos*, a partir de então armados e desde já impelidos por uma vontade irredutível. Ele prepara a travessia da ilha, uma epopeia por pântanos e tempestades do outono tropical, realizada por um bando de homens famintos. Encabeçando uma tropa que afunda os pés descalços nas águas lamacentas, prepara-se para desferir o último golpe de misericórdia no regime: com o apoio decisivo da população local, Che descarrilha um trem blindado, carregado de armas pesadas, enviado por Batista e toma a cidade de Santa Clara, no centro da ilha, em 30 de dezembro de 1958. Estratégia vitoriosa de uma batalha decisiva, que se desenrolou numa cidade que lhe era totalmente desconhecida algumas semanas antes e fez o homem de boina estrelada entrar para a história. De barba rala, rosto magro, seguido de um guarda-costas que não tem nem vinte anos e com uma bombinha na mão para controlar a asma, ele escuta com atenção as informações que lhe passa seu interlocutor.

Cinco anos depois do ataque de La Moncada, a ditadura desmoronou sob os repetidos ataques do exército rebelde. A vitória de Santa Clara assinala a ruína de Batista. Fidel Castro, que ainda se encontra em Sierra Maestra, lança um apelo à greve geral. Esta paralisa o país inteiro. Na noite de Ano Novo, em 1 de janeiro de 1959, Batista foge. O ex-comandante do Exército general Tabernilla o acompanha. Mais tarde, ele escreverá: "*Aos olhos de nossos*

companheiros, que abandonamos à sua própria sorte, aos olhos do povo cubano e para o mundo inteiro, nós partimos como covardes, ladrões, aproveitadores sem o menor sentimento patriótico". A vitória é total. As manifestações espontâneas acontecem por toda parte. Quando Fidel Castro entra em Santa Clara, a cidade recém-libertada por Che, os rebeldes sentados em tanques têm dificuldade para abrir caminho em meio à multidão entusiasmada que os acolhe. Nas lojas, os letreiros norte-americanos da Firestone e da Esso assistem impotentes ao triunfo dos rebeldes.

Enquanto isso, nas ruas devastadas de Havana, os simpatizantes do Movimento de 26 de Julho, de braçadeira formam barricadas para impedir a fuga dos policiais da ditadura. Após longos dias de marcha, Fidel Castro chega à capital. A população o recebe como um libertador. Ele atravessou a ilha. De pé num tanque coberto com a bandeira cubana, estandarte da estrela solitária, cercado por uma multidão entusiasmada que também brande o emblema nacional, símbolo-da independência enfim conquistada. Mais espetacular ainda é a chegada dos *guajiros*, os camponeses de chapéus de palha enfeitados com a estrela, escarrapachados em suas mulas. Pelo acostamento da estrada, outros marcham em fila indiana entre as palmeiras reais, lado a lado com os Chevrolets norte-americanos. Na velha Havana, os habitantes os saúdam de suas sacadas. Incrédulo, com o chapéu na mão esquerda e o facão na mão direita, cabaça d'água pendurada na sela, um cortador de cana manifesta seu entusiasmo.

Uma nova etapa se inicia. O velho regime corrompido e suas instituições são destruídos. Nesse momento histórico, dois homens conversam. O colóquio entre Fidel Castro e Camilo Cienfuegos, um dos brilhantes comandantes de Sierra Maestra, é evocativo. Um, torso rijo, quepe bem enfiado na cabeça e olhar voltado para o futuro, transforma-se desde já em instituição; o outro, com a cabeleira desgrenhada e o chapéu atravessado, interroga aquele que já é o chefe, o "líder máximo". Sozinho, Che escuta com o olhar inquieto, mas determinado, romântico, metódico e rigoroso, tal como em si mesmo a eternidade o fixará depois. Ele sabe que os desafios mais perigosos ainda estão por vir.

Desde os primeiros meses do ano de 1959, as relações se tornam tensas com os Estados Unidos. A missão militar norte-americana abandona Cuba na esteira do ditador. Os policiais e os carrascos batistianos, acusados de abusos e assassinatos sob a ditadura, são executados após julgamentos sumários, suscitando protestos de Washington. A população exige a punição dos culpados. Ela não esqueceu a brutalidade e a selvageria da repressão dos policiais, cuja primeira vítima foi a juventude cubana. Os acusados são conduzidos para a fortaleza de La Cabaña, para onde Che Guevara fora relegado. Com as mãos sobre a cabeça, aterrorizados,

desarmados, incrédulos, de olhos baixos, estão amontoados num pequeno escritório. Diante deles, os milicianos do Movimento 26 de Julho, com os fuzis carregados, aguardam. Sombra e luz. O relógio de parede indica a hora: meio-dia. A história tremeu.

Julgados, serão logo executados, apesar dos violentos protestos dos Estados Unidos. Em Havana, as críticas são consideradas inadmissíveis e reforçam o nacionalismo. A população grita por vingança, não esqueceu o apoio ao ditador, ao qual os Estados Unidos haviam fornecido armas até março de 1958.

E somente em abril de 1961 que os Estados Unidos reconhecerão num livro branco:

“o caráter do regime de Batista em Cuba tornou quase inevitável uma violenta reação popular. A cobiça dos chefes, a corrupção do governo, a brutalidade da polícia, a indiferença do regime às carências do povo em matéria de educação, cuidados médicos, moradia, justiça social e emprego, tudo aquilo que em Cuba, como em outros países, era um convite aberto à revolução.”

Essa lucidez tardia não os impedirá de preparar a derrubada do novo regime de 1959 em diante.

No ambiente revolucionário desses primeiros meses, há greves nas empresas estrangeiras, das quais os assalariados por vezes exigem a expropriação, especialmente quando se trata de firmas que haviam tido ligações privilegiadas com a ditadura. Dá-se o mesmo no interior, onde ocorrem conflitos agrários nos grandes latifúndios açucareiros. A lei de reforma agrária, decretada em maio de 1959, é moderada, mas já em junho desse ano a Casa Branca protesta oficialmente contra os abusos e as irregularidades cometidas, segundo ela, na aplicação da reforma agrária nas propriedades norte-americanas. Em breve, os canaviais são incendiados.

Em Havana, essas tensões provocam a primeira crise ministerial e, em julho, a saída do presidente cubano, Manuel Urrutia, um moderado. Diante da multiplicação dos atentados, o governo decide criar milícias populares.

O país é agora esquadrinhado por silhuetas familiares, masculinas e femininas, vestidas com uma camisa azul e uma calça verde oliva, o quepe enfiado na cabeça, fuzil pendurado no ombro, que vigiam os locais de trabalho e os quartéis.

Em novembro de 1959, Che Guevara é nomeado presidente do Banco Nacional. Cabelos longos, olhar inquieto, barba malfeita, uniforme às vezes descuidado, o novo presidente não tem físico para o cargo, com exceção do charuto cuja fumaça o envolve. Sua mulher, Aleida March, é cubana, membro do Movimento de 26 de Julho. Eles se conheceram durante a luta insurrecional. Sorridente, ela participa das reuniões de trabalho e o acompanha em suas múltiplas atividades. Ele já se exaure na empreitada e passa longas noites em claro no escritório, estudando o sistema bancário. Rapidamente, decide vender as reservas de ouro de Cuba que estavam depositadas no Forte Knox, nos Estados Unidos, e transfere o dinheiro para bancos suíços e canadenses, a fim de impedir o confisco por Washington... Com efeito, as relações entre Cuba e os Estados Unidos se deterioram cada vez mais: Washington acusa Havana de ceder à influência comunista. Em fevereiro de 1960, o dirigente soviético Anastas Mikoyan assina em Cuba o primeiro acordo bilateral entre os dois países. Em 4 de março de 1960, um cargueiro francês, La Coubre, carregado de armas belgas, explode no porto de Havana e as relações se agravam ainda mais. Fidel Castro acusa o governo norte-americano de sabotagem. Em 17 de março de 1960, o presidente Eisenhower autoriza a CIA a treinar os exilados cubanos com o intuito de preparar a invasão da ilha.

A explosão mortífera do cargueiro faz cem mortos. É atribuída à CIA. Alberto Korda registra para a imortalidade a imagem de Che, seu olhar sombrio. A fotografia deu a volta ao mundo. Doravante, o homem de boina estrelada encarnará, na história do século XX, a revolta contra a injustiça.

Os acontecimentos se precipitam. Em junho de 1960, o governo exige das refinarias estrangeiras que façam o beneficiamento do petróleo bruto soviético: diante da recusa, serão expropriadas. É o início da escalada. Em 3 de julho, o Congresso dos Estados Unidos autoriza o presidente a suprimir a cota de açúcar cubano. Em 5 de julho, o Conselho de Ministros de Cuba autoriza a expropriação de todas as propriedades norte-americanas. Em 6 de julho, o presidente Eisenhower suprime a cota de açúcar cubano. Em 7 de agosto, todas as grandes empresas norte-americanas, industriais ou agrícolas, são estatizadas; seguidas dos bancos, em 17 de setembro.

Nesse mês de setembro de 1960, Fidel Castro vai a Nova York, onde estava sendo realizada a Assembleia das Nações Unidas. Deixando o bairro da ONU, onde está confinado, muda-se e instala-se no Harlem. Ali, encontrou-se com o líder negro Malcolm X e com Nikita Khrushchev. Ao lado de um encantado líder soviético, o líder cubano - de uniforme e quepe na mão - saboreia seu triunfo e, ao mesmo tempo, com um gesto de mão, silencia os habitantes do bairro que o aclamam. Ele responde às perguntas dos jornalistas. Sabe que, a partir de agora, pode contar com a ajuda econômica e militar da URSS. A sobrevivência da revolução parece provisoriamente garantida.

Mas, em 19 de outubro de 1960, a administração Eisenhower proíbe todas as exportações com destino à ilha, com exceção de certos produtos farmacêuticos: a ilha foi posta em quarentena, como dirá mais tarde o presidente Nixon.

A resposta cubana não tarda. Em 24 de outubro, Havana expropria todos os bens norte-americanos, inclusive o comércio de varejo. A Revolução Cubana transpõe uma etapa decisiva: todos os bancos, todas as empresas industriais e comerciais importantes passam para o controle do Estado, ou seja, cerca de 382 empresas cubanas e estrangeiras, das quais as usinas de açúcar, a indústria do tabaco, as minas, o café etc. Ao mesmo tempo, o governo promulga uma lei de reforma urbana que permite aos locatários se tornarem proprietários de suas moradias, depois de pagar aluguel por períodos que iam de cinco a vinte anos.

O embaixador norte-americano, Philip Bonsal, deixa a ilha em 29 de outubro. O rompimento das relações diplomáticas, ocorrido em janeiro de 1961, coincide com o fim da administração Eisenhower. Em alguns meses, a ruptura é consumada entre os dois países.

Em Havana, é hora de mobilização. Em 1º de janeiro de 1961, é lançada uma campanha nacional de alfabetização. Nos campos, cerca de 25% dos habitantes são analfabetos. Ao apelo do governo, milhares de jovens deixam suas casas durante várias semanas para ensinar os camponeses a ler. No Malecon, de frente para o mar, um imenso painel luminoso proclama: "Cuba, território livre de analfabetismo". O relatório oficial da Unesco, publicado em 1965, fala em "obra-prima de organização". O campo militar de Colômbia e o quartel de La Moncada de Santiago foram transformados em escolas-modelo: este último agora abriga moças estudiosas,

que se aplicam na redação dos deveres. O ano de 1961 será declarado "Año de la educación", e a palavra de ordem "Pátria o muerte" agora rematava todos os discursos.

O "líder máximo" está em toda parte. Com seu jipe, vai às vilas e fala com os camponeses e com as mulheres. Os guarda-costas o protegem a custo: trinta anos depois, podemos vê-lo em Havana num Mercedes preto blindado, com as cortinas puxadas e ladeado por dois outros dois Mercedes, seguindo em quincunce pelas ruas onde a circulação foi interrompida para lhe dar passagem.

Os vínculos com a URSS se fortalecem, inclusive no plano militar, agravando a hostilidade de Washington ao regime cubano.

A intervenção militar está na ordem do dia: diversas personalidades cubanas exiladas preparam nos Estados Unidos a criação de um "Conselho Revolucionário Cubano". Constitui-se em março de 1961, em Miami, com a disposição de transformar-se em "governo cubano livre". É presidido por José Miró Cardona, ex-primeiro-ministro do governo revolucionário entre janeiro e fevereiro de 1959. O futuro governo provisório conta com o apoio da brigada 2506, composta de exilados armados pelos Estados Unidos que treinam na Nicarágua e na Guatemala para preparar a invasão da ilha. O roteiro lembra o que fora utilizado para derrubar o presidente Arbenz, da Guatemala, em 1954, e que tanto contribuiu para a radicalização política do jovem Che Guevara.

John Kennedy, novo presidente dos Estados Unidos, assume suas funções em 20 de janeiro de 1961 e ratifica o plano, com a condição de que as forças norte-americanas não tenham de participar. O ataque é desencadeado em 15 de abril de 1961, no centro-sul de Cuba, na praia Giron, na Baía dos Porcos. A mobilização é geral. As milícias populares desfilam em massa. Ombro a ombro, mulheres uniformizadas, negras e brancas, preparam-se para o combate. Outras montam guarda na frente de prédios oficiais. Os combatentes se amontoam nas caçambas de estacas altas de madeira, normalmente destinadas ao transporte da cana-de-açúcar, e partem em caravana pela estrada que leva ao local do desembarque. Jovens e velhos brandem suas metralhadoras e correm pela praia ao encontro dos invasores. Os caminhões atolam na lama dos brejos, mas nada detém os milicianos. Não serão necessárias mais do que 72 horas para vencer a invasão. A vitória é deles. O entusiasmo popular, a pujança da mobilização infligem aos agressores uma derrota sem precedentes. Ali mesmo, Fidel- Castro, com gestos largos e o charuto na mão, discursa para os soldados e, em seguida, observa um avião abatido. Jamais o fervor nacional terá sido tão forte. Havana enterra seus mortos. Centenas de milhares de pessoas acompanham os caixões cobertos com a estrela solitária da bandeira cubana. Uma faixa gigante traduz o sentimento popular: "*Yanquis asesinos*".

Os mercenários são detidos às centenas. De pé com suas calças de brim norte-americano, eles baixam a cabeça e se perguntam sobre a sorte que lhes será reservada. O julgamento dos invasores contrários à revolução será retransmitido para toda a América Latina. Sentados no banco dos réus, ouvem alguém testemunhar e confirmar a participação da CIA na intervenção militar, que havia recebido sinal verde do presidente Kennedy. Havana detém quase 1.200 prisioneiros. E uma verdadeira surra.

O governo cubano negocia com Washington a libertação dos prisioneiros e, como contrapartida, recebe indenizações financeiras (63 milhões de dólares por danos de guerra) e compensações materiais.

Pela primeira vez no século XX, uma intervenção preparada e armada por Washington foi derrotada. A repercussão na América Latina é sem precedentes.

No le de Maio de 1961, na praça da Revolução, centenas de milhares de cubanos desfilam sob uma gigantesca bandeira, que flutua ao vento. Na euforia da vitória, Fidel Castro proclama o caráter socialista da Revolução Cubana: "Sim, em Sierra Maestra, combatemos pelo programa de La Moncada; em Giron, nosso povo heroico derramou seu sangue pelo socialismo". De mãos dadas, a imensa multidão canta a "Internacional" e brande milhares de bandeiras e cartazes onde se pode ler: "*Viva la revolución socialista*".

Mas a trégua dada pela vitória da praia Giron durará pouco. Washington não havia desistido de derrubar o governo cubano, dessa vez com o apoio dos principais governos latino-americanos. Em janeiro de 1962, durante a reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Punta del Este, Cuba é excluída da organização*. No Panamá, Robert MacNamara declara que a ilha ameaça o hemisfério ocidental: os Estados Unidos e seus aliados devem se preparar para enfrentar o perigo, inclusive por meios militares. Em Havana, a mobilização popular atinge o ápice. O sentimento nacional é exacerbado. A segunda "Declaração de Havana" é um revide à exclusão de Cuba da OEA. Junta-se uma multidão em torno de um imenso caixão sobre o qual se colocou uma cartola norte-americana. Iniciais gigantes dizem "EPD OEA" (Que a OEA descanse em paz). Nos cartazes, o humor cubano se esbalda. Sob um crocodilo simbolizando o tio Sam, pode-se ler: "Cuidado com o jacaré!" "Com ou sem a OEA, nós somos livres!", declara outro cartaz carregado pelos sindicalistas.

No entanto, o país está de novo em pé de guerra. De onde virá a agressão dessa vez? Ninguém sabe, mas todos se preparam. Havana toma a dianteira e pede à União Soviética que defenda sua soberania. Moscou prepara um golpe estrondoso. A instalação de mísseis balísticos a menos de 200 quilômetros da costa dos Estados Unidos altera o equilíbrio das forças nucleares entre as duas grandes potências.

Em 22 de outubro de 1962, John Kennedy denuncia a instalação de foguetes nucleares soviéticos em Cuba, exige a retirada dos "mísseis ofensivos" e impõe um bloqueio naval à ilha. Em resposta ao discurso do presidente norte-americano, o primeiro-ministro convoca mais uma vez à mobilização geral. Caminhões carregados de unidades de combate da milícia revolucionária cruzam as ruas da capital. O clima está tenso. A capital é coberta de cartazes que dizem: "*Comandante em jefe, ordene!*". Não há um ímpeto desordenado de milicianos precipitando-se para a praia, como no episódio da baía dos Porcos. A infantaria cubana desfila em uniforme, semblante severo, ar marcial, passos cadenciados. Dessa vez, os riscos são de uma outra magnitude. Fora de Havana, imensos reboques circulam protegidos por toldos, que escondem algo como cilindros indistintos. São conduzidos por soldados soviéticos. O povo os chama de "etc", porque Fidel Castro, ao descrever as armas que Cuba possuía para se defender, concluiu a longa enumeração com misteriosos "etc". São os famosos mísseis entregues "clandestinamente" pela URSS e que os aviões espiões dos Estados Unidos não

tardaram a descobrir debaixo da sombra das palmeiras. O mundo está à beira da guerra nuclear.

Inicia-se uma negociação direta entre Washington e Moscou, da qual Havana é excluída. A URSS aceitará retirar as ogivas nucleares desde que os Estados Unidos se comprometam — num memorando mantido em segredo — a não atacar Cuba. A direção cubana não foi consultada. Fidel Castro responde com uma declaração com cinco pontos. O "líder máximo" mal consegue esconder a raiva. Para se vingar, exige a evacuação da base naval norte-americana de Guantánamo e rejeita a inspeção das defesas cubanas locais pela ONU. Washington exigiu o sobrevoo do território para verificar a retirada das armas estratégicas. A crise se desata graças ao compromisso entre os dois "grandes", mas à custa de um primeiro rompimento entre Moscou e Havana que deixará marcas.

Embora santificada pelo compromisso firmado, Cuba é objeto de uma guerrilha incessante, encorajada do exílio, no centro do país, nas montanhas de Escambray. Por outro lado, o embargo norte-americano agrava uma situação econômica que se torna tensa. Os dois primeiros anos permitiram a elevação do nível de vida da população e a alfabetização, mas agora é preciso atacar o problema do desenvolvimento. O desafio é imenso nesse pequeno país sem recursos energéticos, no quintal dos Estados Unidos. Como absorver pouco a pouco a monocultura do açúcar? O debate sobre a estratégia econômica ia de par com a difícil implantação de instituições políticas: as tensões são fortes e os conflitos entre as forças políticas que apoiam o processo revolucionário são numerosos. Foram provocados pela influência crescente da União Soviética, que se valeu de um agrupamento interno bem organizado, o PSP, velho partido comunista muito ligado à embaixada soviética. No entanto, a colaboração com Batista nos anos 1940, a rejeição da insurreição e, depois, a adesão tardia ao projeto de Fidel o desacreditaram e suscitaram a hostilidade de numerosos setores. O Movimento de 26 de Julho é minado por divisões internas; havia herdado uma estrutura militar, a do exército rebelde, mas não tinha armas para enfrentar as novas tarefas políticas. Quanto ao Diretório Estudantil, ele fora decapitado pela repressão de Batista. Em 1961, Fidel Castro tenta unificar essas três forças no que será denominado Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), que terão uma existência efêmera. Rapidamente, instala-se uma crise. Em março de 1962, Anibal Escalante, ex-dirigente stalinista do PSP, secretário na organização das ORI, é acusado de querer afastar os membros do Movimento de 26 de Julho e do Diretório em benefício dos velhos militantes do PSP. Ele é exilado na Checoslováquia. Esse é o primeiro conflito aberto entre a jovem Revolução Cubana e a corrente comunista ligada a Moscou. Após a crise dos foguetes, Ernesto Che Guevara já havia começado a distanciar-se daquilo que hoje se chama "socialismo real".

Pouco a pouco, o poder político consolida-se sob a autoridade do "líder máximo", sem a implantação de instituições verdadeiras. Para tanto, serão necessários quinze anos. A organização dos poderes é retardada pelos problemas de defesa e pela deterioração da situação econômica, que impõe medidas urgentes.

Como continuar? Como sobreviver? Essa é a preocupação lancinante do governo. A ilha ainda depende das exportações de açúcar e charutos. Nas oficinas de produção, ainda se enrolam à mão os Upman e os Partagas comprados a preço de ouro pelos amantes dos havanas.

No curto prazo, a renda do açúcar é indispensável para financiar o desenvolvimento. Nos canaviais, vemos as mulheres cubanas colherem a mão, sob um sol tórrido, os longos caules cheios de açúcar. Em 1963, Fidel Castro decide retardar a industrialização do país e reforçar a produção açucareira. Pouco a pouco, a colheita da cana será mecanizada graças à construção de máquinas soviéticas. Em 1964, acordos comerciais de longo prazo são assinados com Moscou, que toma o lugar dos Estados Unidos na compra de quantidades cada vez maiores de açúcar cubano. Com isso, a dependência açucareira da ilha perpetua-se. Trinta anos depois, o custo será terrível.

Graças ao crédito soviético, os cubanos constroem uma enorme quantidade de moradias nos arredores da capital para substituir as antigas favelas e alojar os camponeses. Ninguém presta atenção na falta de transportes. Três décadas depois, a ruína dos pré-fabricados causará pena.

Como ministro da Indústria, Che Guevara quer diversificar a economia e industrializar o país. Ele está no centro dos debates sobre a estratégia econômica. Incansável, passa as noites no ministério e os domingos nos canaviais ou nas empresas para impulsionar a produção - e dar um novo sentido ao trabalho voluntário. Entre uma reunião e outra, recebe escritores, entre eles Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, e escreve alguns poemas.

A confrontação que ele organiza opõe dois projetos de socialismo, os partidários do socialismo soviético e os promotores de um socialismo diferente, cujos contornos Che Guevara tentará definir empiricamente. Apesar de ter sido um dos artífices da radicalização da revolução e da reaproximação com a URSS, o ministro da Indústria distancia-se rapidamente de Moscou. Mas será vencido. Sua reflexão se torna cada vez mais crítica. Num discurso em Argel, em fevereiro de 1965, ele critica a política comercial soviética. Essas divergências expressas publicamente pelo representante de um governo aliado tão prestigiado no Terceiro Mundo não podiam ser toleradas pelo Kremlin. Che deixará Cuba, uma partida negociada com Fidel Castro cujas condições se ignoram. No Congo, e depois na Bolívia, ele tentará alavancar a luta revolucionária. Duas tentativas que resultarão em dois fracassos e, em seguida, em sua morte.

Chegou às margens do lago Tanganica em abril de 1965 e aí ficará até o fim do ano, acompanhado de cerca de cem cubanos negros, voluntários para combater Moise Tchombe a seu lado. Os descendentes dos escravos fazem no sentido contrário a travessia do Atlântico efetuada por seus ancestrais africanos em condições desumanas para serem vendidos como mão de obra escrava nos canaviais das Antilhas. Contudo, com o assassinato do primeiro-ministro congolês, Patrice Lumumba, em março de 1961, as forças congoleesas de libertação nacional se desorganizam, estão divididas e na defensiva. Elas não participam do combate e a corrupção reina entre os chefes. Che deixa o Congo com a constatação do fracasso. Mas para onde iria?

Em outubro de 1965, Fidel Castro anunciou a fundação do novo partido único, o Partido Comunista Cubano. Che Guevara não é membro de seu Comitê Central. Oito meses se passaram desde a sua partida. Ele está no Congo quando o comandante em chefe lê perante os congressistas a carta de adeus deixada pelo ex-ministro da Indústria: "Eu renuncio formalmente às minhas responsabilidades na direção do Partido, ao meu posto de ministro, à minha patente de comandante, à minha condição de cubano. Outras terras do mundo exigem a contribuição de meus modestos esforços". Ernesto Guevara parte para a Bolívia, onde chega

em novembro de 1966. Está irreconhecível: calvo, maxilar proeminente e ligeiramente barrigudo, apresenta-se sob a identidade de um comerciante uruguaio.

Por que e como a Bolívia? Trinta anos depois, essa escolha ainda é objeto de múltiplas interrogações. Encorajado por Moscou, que não quer um conflito com Washington em seu quintal, o Partido Comunista Boliviano, um dos supostos pilares essenciais da operação, é contra. Concebidos como campos de treinamento, os acampamentos guerrilheiros são descobertos prematuramente e qualquer contato de Che com Havana é logo interrompido. As redes urbanas de apoio, infiltradas desde o início pela CIA, são desmanteladas. Obrigados a lutar depois de serem descobertos pelo Exército, os guerrilheiros ficaram isolados numa região hostil, sem logística e sem armas. Em poucos meses, a guerrilha é dizimada pelos Rangers, que cercam a região. A presença de Che é revelada. Os contatos com Havana nunca serão restabelecidos. Em 9 de outubro de 1967, Che é executado em La Higuera por um oficial boliviano por ordem da CIA. Ele morre sozinho, abandonado. Com o torso nu, magro, o cadáver é estendido sobre uma pia. A cabeça levemente inclinada, os cabelos longos sobre os ombros e os olhos arregalados lembram o Cristo de Mantegna. Mais tarde, ícones homenagearão "Santo Ernesto de la Higuera".

A morte de Che sanciona o fracasso das guerrilhas nascidas nos anos 1960. Em nome da razão de Estado, que prevalece ao internacionalismo, o governo de Fidel muda a tática. Diante das ameaças de retaliação econômica por parte de Moscou, ele estreitará as relações com a URSS, fonte essencial de ajuda econômica. No fim da década 1960, os dados são lançados: Fidel Castro adere ao bloco soviético.

Entretanto, o ano de 1968 parece contradizer os maus presságios. Após a ofensiva vitoriosa do Tet no Vietnã, há a greve geral de Paris, em maio de 1968: Che renasce em cartazes, revive nas palavras de ordem, a juventude proclama sua solidariedade com os povos do Terceiro Mundo. Mas em Praga, em agosto de 1968, os tanques soviéticos invadem a Checoslováquia. Fidel Castro aprova a intervenção militar.

Cinquenta anos depois da vitória da revolução, Cuba vive um período de sucessão no qual se desenvolve um intenso debate sobre o futuro do socialismo, tanto entre seus adversários como entre os que o defendem, mas com o desejo de vê-lo evoluir.

Cronologia

1952

10/03: O general Fulgencio Batista derruba o governo instituído por um golpe. Nenhuma reação por parte de Washington.

1953

26/07: Fidel Castro e seus companheiros atacam o quartel de la Moncada.

1956

02/12: Desembarque do Granma na costa oriental da ilha. Fidel Castro e Ernesto Che Guevara começam a luta armada em Sierra Maestra.

1959

01/01: Vitória do exército rebelde, que entra em Havana sob o comando de Che Guevara e de Camilo Cienfuegos. Fuga de Batista.

Fevereiro: Fidel Castro substitui José Miro Cardona no posto de primeiro-ministro.

10/03: Reunião secreta do Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos para preparar a derrubada do governo de Fidel.

Maio: Primeira reforma agrária. 1960

Primeiro acordo comercial com a URSS. Em outubro, Washington decreta as primeiras medidas de embargo contra Cuba.

1961

Campanha de alfabetização. Em abril, exilados cubanos treinados pela CIA de-sembarcam na Baía dos Porcos para derrubar o regime cubano. São repelidos pelas tropas cubanas. É a primeira derrota norte-americana na América Latina.

1962

Janeiro: Cuba é expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Outubro: Um avião espião dos Estados Unidos descobre mísseis nucleares em Cuba. O presidente Kennedy decreta um bloqueio naval total da ilha. O mundo está à beira de uma guerra nuclear. O acordo entre a URSS e os Estados Unidos põe fim à crise.

1963

Primeira visita de Fidel Castro à URSS. Segunda reforma agrária.

1965

Fevereiro: Che Guevara ataca publicamente a URSS num discurso em Argel diante dos representantes do Terceiro Mundo. Ele retorna a Cuba e nunca mais aparecerá em público.

Abril: Combatentes cubanos comandados por Ernesto Che Guevara partem para o Congo.

Outubro: Fundação do novo Partido Comunista Cubano (PCC). Ernesto Che Guevara não é membro de seu Comitê Central.

1966

Novembro: Após o fracasso no Congo, Che Guevara vai para a Bolívia organizar um centro de guerrilha continental, prematuramente descoberto.

1967

09/10: Che Guevara é assassinado em La Higuera, na Bolívia.

1968

Agosto: Fidel Castro aprova a intervenção soviética na Checoslováquia.